

Como era belicoso o meu francês: as elites intelectuais brasileiras e a França no contexto da Primeira Guerra Mundial

Olivier Compagnon

Não compreendemos a sede da civilização que levanta um templo à paz em Haia com a mesma calma que atira os povos uns contra os outros, num sanguinolento entrechoque de oceanos de ferro.

Alvaro S. de Castro Menezes, *Quadros de guerra*, Rio de Janeiro, J. Mattos Editor, 1916, p. 125.

Tradicionalmente, os anos 1914-1918 não são considerados como um momento de ruptura na história contemporânea do Brasil. Inseridos em plena Primeira República, entre a queda do Império em 1889 e o golpe de Estado de Getúlio Vargas em 1930, eles abarcam o período da presidência sem grandes destaques do mineiro Venceslau Brás, a Revolta dos Sargentos (1915), o fim do conflito do Contestado (1916) ou, ainda, a promulgação do primeiro Código Civil brasileiro (1916). Consequências diretas da guerra que incendia a Europa em 1914, a crise das exportações de café – que representam quase dois terços das exportações totais do país no fim da *Belle Époque* – e a diminuição brutal dos investimentos diretos provenientes da Europa tiveram contudo efeitos significativos para a situação econômica e social do país, mas não estimularam uma produção científica que realmente buscasse analisar o impacto geral do conflito no Brasil. Ainda que o Brasil tenha entrado na guerra ao lado dos Aliados em 26 de outubro de 1917, enviado um corpo expedicionário

para o teatro das operações militares europeu¹ e participado da Conferência da Paz organizada em Paris a partir de janeiro de 1919, a Primeira Guerra Mundial continua sendo uma espécie de zona de sombra na historiografia brasileira, a despeito das comemorações recentes do centenário de um conflito considerado como a primeira guerra total e global da história.²

A sequência 1914-1918 aparece, no entanto, decisiva na história do século XX no Brasil na medida em que a ressonância da Grande Guerra esteve presente no país, bem como, de maneira geral, em toda a região latino-americana.³ Essa importância é comprovada, por exemplo, pela onipresença do conflito na imprensa internacional e regional,⁴ pela extrema atenção que lhe atribuem o governo e os diplomatas desde as primeiras semanas dos combates, pela mobilização de importantes setores sociais em favor de um campo ou de outro ou, ainda, pela amplitude da produção intelectual dedicada a essa “inesquecível tragédia,

- 1 Sabe-se, no entanto, que esse corpo expedicionário ficou bloqueado em Dacar em razão da epidemia de gripe espanhola e só alcançou a França depois do armistício de 11 de novembro de 1918.
- 2 Entre os raros trabalhos clássicos sobre a questão, ver especialmente ALBERT, Bill; HENDERSON, Paul. *South America and the First World War: the impact of the war on Brazil, Argentina, Peru and Chile*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1988; VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. *O Brasil e a Primeira Guerra Mundial: a diplomacia brasileira e as grandes potências*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1990; COZZA, Dino Willy. A participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 157, n. 390, p. 97-110, jan.-mar. 1996.
- 3 Para uma visão de conjunto sobre a América Latina e a Grande Guerra, ver: COMPAGNON, Olivier. Latin America. In: WINTER, Jay (Ed.). *The Cambridge history of the First World War*. v. 1 (Global War). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2014. p. 533-555; RINKE, Stefan. *Latin America and the First World War*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2017.
- 4 Sobre esse ponto, ver sobretudo GARAMBONE, Sydney. *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003; COMPAGNON, Olivier, “Si loin, si proche...” La Première Guerre Mondiale dans la presse argentine et brésilienne. In: LAMARRE, Jean; DELEUZE, Magali (Dir.). Québec: Presses Universitaires de Laval, 2007. p. 77-91.

a maior da história da humanidade, depois do dilúvio⁵ – não somente na segunda metade dos anos 1910, mas também até o final dos anos 1940. Em termos de história intelectual, apesar da neutralidade de todos os Estados do continente americano até 1917 e dos milhares de quilômetros que os separavam do epicentro belicoso, o espetáculo do conflito transforma profundamente as representações da Europa que constituíam o modelo dominante no processo de construção de uma modernidade brasileira ao longo do século XIX. Mais particularmente, o imaginário veiculado pela França – considerada pela maioria das elites do Império e da República nascente o coração palpitante dessa Europa civilizadora – sofre uma profunda desestabilização, como relata Alceu Amoroso Lima mais de meio século após o fim da Grande Guerra: “Eu via em Paris, centro da Europa, que acabava um mundo”⁶. Nesse sentido, os anos 1914-1918 marcam uma ruptura importante no tempo longo das relações franco-brasileiras cujas principais matrizes e manifestações convém aqui explicitar.

A DEFESA DA CIVILIZAÇÃO FRANCESA NO CENTRO DA ALIADOFILIA

Como todos os outros países latino-americanos, o Brasil declara, a partir de 4 de agosto de 1914, sua “neutralidade total” por meio dos decretos 11.037 e 11.038.⁷ De um ponto de vista diplomático, essa neutralidade é algo natural na medida

5 Palavras com as quais o major Manoel Corrêa do Lago, adido militar em Bruxelas durante a guerra, inaugura sua narração militar do conflito publicada dois anos depois do armistício: LAGO, Manoel Corrêa do. *Notícia da guerra mundial (1914-1918 Front Belga)*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1920. p. I.

6 LIMA, Alceu Amoroso, *Memórias improvisadas: diálogos com Medeiros Lima*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 62.

7 Ver relatório apresentado ao presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado das Relações Exteriores, compreendendo o

em que o Brasil não possui nenhum tratado de aliança com as nações beligerantes europeias. Além disso, a atitude de neutralidade se insere na tradição, inaugurada pela doutrina Monroe de 1823, de não intervenção dos Estados Unidos nos interesses europeus em troca da não intervenção da Europa nos interesses norte-americanos, bem como na lógica do eixo Rio-Washington que transforma o Brasil em um elo de transmissão da política estadunidense na América do Sul a partir de 1902 e da ascensão do barão de Rio Branco ao palácio do Itamaraty. A neutralidade, mesmo se contestada num primeiro momento por algumas vozes políticas marginais que desejavam que o Brasil entrasse imediatamente no conflito – como Irineu Machado, deputado federal carioca, que propõe a seus colegas parlamentares votar um ato de solidariedade à França,⁸ ou ainda o deputado maranhense Dunshee de Abranches, presidente da comissão diplomática na Câmara, que pronuncia um discurso entusiasmado de elogio ao Império alemão no dia 26 de setembro de 1914⁹ –, aparece como algo bastante consensual no seio das elites políticas, econômicas e intelectuais durante os primeiros meses do conflito.

Essa unanimidade quase absoluta em torno da necessária neutralidade não impede que surjam rapidamente correntes de opinião favoráveis a uma ou outra nação do conflito, bem como manifestações no espaço público. Este é, antes de tudo, o caso das comunidades imigrantes de origem germânica que, nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul especialmente, observam com atenção, desde os primeiros dias da guerra, as

período decorrido de 3 de maio de 1914 a 30 de junho de 1915 (Rio: Imprensa Nacional, 1915. v. 2, anexo C, p. 22-28, 29).

8 O ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 1, 4 ago. 1914.

9 Esse discurso é publicado um ano depois: ABRANCHES, Dunshee de. *A conflagração europeia e suas causas*: discurso proferido na Câmara dos Deputados ao Congresso Nacional do Brasil em 26 de setembro de 1914. Rio de Janeiro: Almeida Marques & C., 1915.

consequências dos combates para sua pátria natal.¹⁰ Mas é também o caso de intelectuais que, integrantes de uma república transatlântica das letras que se consolida progressivamente entre as três últimas décadas do século XIX e a *Belle Époque*, entretêm relações particularmente densas com a Europa (viagens de formação, redes de amizade, estratégias de legitimação etc.).¹¹

Estabelecendo-se um quadro geral das posições emitidas sobre a guerra calcado no estudo da imprensa, das revistas culturais, das correspondências privadas ou da produção literária, constata-se sem sombra de dúvida que os brasileiros são majoritariamente aliadófilos, como aliás é o caso do restante da América Latina, e que a francofilia é a principal matriz dessa aliadofilia a despeito de importantes simpatias provocadas pelo martírio vivido pela Bélgica.¹² Esse sentimento é comprovado, por exemplo, pelo discurso inaugural da Liga Brasileira pelos Aliados (LBA) proferido, em março de 1915, por José Pereira da Graça Aranha, que figura então como se fosse o presidente de uma “Liga Brasileira pela França”:

Desde o desencadeamento do conflito, nós nos voltamos para a França, movidos pelo próprio instinto revelado

nessa guerra, a renovação do combate da barbárie contra a civilização.¹³

Longe de confinar suas atividades (conferências, banquetes, celebrações públicas dos êxitos do exército francês etc.) na capital federal, a LBA se dissemina rapidamente na maioria das capitais brasileiras – Recife, Maceió, Florianópolis, São Paulo etc. – e participa da criação de uma verdadeira rede nacional pela aliadofilia que, na realidade, glorifica a luta da França e perdura até o fim do conflito. Em Salvador, por exemplo, um de seus promotores é o respeitado médico Pacífico Pereira (1846-1922), figura importante do pensamento higienista brasileiro e antigo diretor da *Gazeta Médica da Bahia*, que publica em 1915 uma edição retomando o texto de uma conferência ministrada no dia 14 de julho do mesmo ano em benefício da Cruz Vermelha dos países aliados. A conclusão desse texto é um exemplo, entre muitos outros, de que, antes de tudo, é a França dos direitos humanos que cristaliza a defesa dos Aliados – mesmo se, intencionalmente, omite-se o fato de que a autocrática Rússia czarista também se inclui no grupo dos países aliados:

No dia em que a Nação [francesa] comemora com a solenidade de uma festa nacional a grande vitória da liberdade contra a tirania e o despotismo, ergamos bem alto o nosso brodo em prol dos direitos do homem e das nações, para que se realize o grande ideal da fraternização dos povos e o derrocamento de todas as bastilhas que pretendam encarcerar e suplantar o direito.¹⁴

Pertencendo a uma visão de mundo e a uma geografia mental próprias do século XIX, quando dominava uma convicção

10 Ver: LUEBKE, Frederick C. *Germans in Brazil: A comparative history of cultural conflict during World War I*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1987. A entrada da Itália na guerra em 1915 constitui evidentemente uma etapa importante nessas mobilizações das comunidades estrangeiras, ver: FRANZINA, Emilio. *Italiani del Brasile ed italo-brasiliani durante il Primo Conflitto Mondiale (1914-1918)*. *História. Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 5, n. 1, p. 225-267, 2004.

11 Ver NEEDLE, Jeffrey. *A tropical Belle Époque: elite culture and society in turn-of-the century Rio de Janeiro*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

12 Para uma análise detalhada dessa primeira etapa das representações da guerra, ver COMPAGNON, Olivier. *O Adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra (Argentina e Brasil, 1914-1939)*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. p. 68-94.

13 Citado por: GAILLARD, Gaston. *Amérique Latine et Europe Occidentale: l'Amérique Latine et la guerre*. Paris: Berger-Levrault, 1918. p. 41.

14 PEREIRA, Pacífico, Os malefícios da guerra. Conferência no Polytheama Bahiano em 14 de julho de 1915 em prol da ‘Cruz Vermelha dos Aliados’. Bahia: Typ. Bahiana de Cincinnato Melchades, 1915. p. 67-68.

de que o centro europeu possuía a eterna vocação de irradiar as periferias do mundo com suas virtudes e que Paris encarnava a capital cultural da humanidade, o apoio à causa francesa não tem nada de surpreendente em si e deve ser compreendido como a consequência natural do afrancesamento que vigora até o início do século XX. O estudo do dispositivo argumentativo proferido pelos francófilos brasileiros no início da Grande Guerra permite, todavia, distinguir diferentes interpretações da centralidade francesa no imaginário das elites brasileiras. Contra o militarismo alemão, busca-se exaltar o Iluminismo e a memória de 1789, o republicanismo, as virtudes da cidadania e os valores combinados de liberdade e de igualdade. Para evitar que a *Kultur* imponha sua hegemonia no mundo, é à França, berço das artes e das letras, que se apela. E quando a *Reichswehr* incendia a biblioteca da Universidade de Louvain, é em nome da França e da ciência dos saberes, de Comte e de Pasteur, que se exprime a desolação brasileira. Civilização francesa contra barbárie alemã: a leitura do início da guerra no Brasil aparece amplamente devedora da interpretação do filósofo Henri Bergson em seu célebre discurso de 8 de agosto de 1914 em Paris, diante da Academia das Ciências Morais e Políticas presidida por ele: “a luta contra a Alemanha é a própria luta da civilização contra a barbárie”.¹⁵ Marcadas pelo arielismo associado à obra do uruguaio José Enrique Rodó publicada em 1900, as elites brasileiras e latino-americanas também difundem essa leitura maniqueísta representada pela parábola do conflito entre Ariel e Caliban, entre o espírito encarnado e o impulso sem espírito. Em 1916, José de Medeiros e Albuquerque retoma essa francofilia dominante, ao mesmo tempo em que celebra as afinidades eletivas entre Rio e Paris:

15 Citado por PROCHASSON, Christophe. Les intellectuels. In: BECKER, Jean-Jacques, AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane (Dir.). *Encyclopédie de la Grande Guerre, 1914-1918*. Paris: Bayard, 2004. p. 674.

Desde o início da guerra, o espírito público brasileiro não mudou. Não que os alemães tenham diminuído sua propaganda. Ao contrário. Mas um fato veio confirmar a orientação francófila: a entrada da Itália na guerra. A colônia italiana no Brasil é pelo menos quatro vezes mais numerosa que a colônia alemã. [...] Não é [...] por egoísmo que o Brasil compartilhará com a França a alegria de uma vitória. Mas por causa da mais profunda solidariedade que une os dois povos.¹⁶

Sessenta anos mais tarde, o general Aurélio de Lyra Tavares (1905-1998), membro da junta militar provisória que governará o Brasil entre o fim de agosto e o fim de outubro de 1969 e embaixador na França entre 1970 e 1974, diz algo semelhante em suas memórias ao evocar a onipresença da guerra na época em que fazia seus estudos secundários:

A guerra europeia era o grande assunto das conversas. Todos a acompanhávamos, como se nos encontrássemos na França, tão próximos nos sentíamos dela, de coração, na luta contra a Alemanha.¹⁷

A francofilia não se reduz, no entanto, à ordem do discurso e pode, em diferentes momentos, converter-se em práticas. Durante os primeiros meses da guerra, com efeito, os representantes franceses no Brasil recebem centenas de cartas que não somente expressam votos para um triunfo o mais rapidamente possível do exército francês, mas solicitam também, algumas vezes, a autorização para um alistamento voluntário a fim de contribuir no combate da civilização contra a barbárie. Dessa maneira, um certo Morales – o restante do nome é ilegível na carta manuscrita – escreve de Petrópolis, no dia 10

16 MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José de. Le Brésil et la guerre européenne. In: *L'Amérique Latine et la guerre européenne*. Paris: Hachette, 1916. p. 48.

17 TAVARES, Aurélio de Lyra. *O Brasil de minha geração*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1976. p. 32.

de agosto de 1914, ao consulado francês as seguintes palavras, seguidas de “Viva a França”:

Antigo aluno das Escolas da França, à qual eu devo tudo o que sei e tudo o que sou, apresento ao senhor cônsul da França no Rio de Janeiro todas as ofertas que a minha idade e as minhas ambições de funcionário brasileiro me permitem nesta ocasião que a Nossa Grande Pátria a todos atravessa neste momento supremo de sua existência. Minhas ofertas não são, no entanto, puramente platônicas e venho renová-las junto ao senhor; e me julgaria bem contente se pudesse em parte pagar uma dívida de reconhecimento que não ousaria nunca pagar de outra forma.¹⁸

Em janeiro de 1915, um mineiro chamado Leopoldo Ribeiro Andrade faz parte das centenas de brasileiros anônimos que pedem para serem incorporados junto aos *Poilus*, explicitando as razões de seu engajamento: “para bater o kaiserismo”. Ainda que dados numéricos exatos sejam difíceis de serem estabelecidos, o Brasil é, ao lado da Argentina, o maior fornecedor latino-americano de voluntários – oriundos de todo o território nacional e possuindo frequentemente um capital cultural elevado – que são incorporados na Legião Estrangeira francesa.¹⁹

Sem dúvida, convém acrescentar algumas nuances nesse quadro da francofilia das elites brasileiras no início da Grande Guerra. Por um lado, em meados dos anos 1910, a maior parte dos órgãos de imprensa construía ainda sua seção de informações internacionais a partir de dados transmitidos pelas agências de imprensa Havas e Reuters, e transmitiam assim, de forma mais ou menos intencional, a propaganda aliada. Por outro lado, houve também vozes marginais que não se submeteram ao consenso pró-Aliados: as de autênticos germanófilos

18 Ministère des Affaires étrangères / Archives Diplomatiques de Nantes, Rio de Janeiro, Ambassade, Série A, carton 237, dossier “Affaires militaires. Offres de serive et demande d'engagement, août 1914- décembre 1918”.

19 Ibid.

nomeadamente no interior dos meios militares, entre os filósofos e junto a alguns juristas que tinham sido formados na Alemanha ou à moda alemã e consideravam Berlim mais do que Paris como referência suprema da modernidade; ou ainda as de raros intelectuais como Manoel de Oliveira Lima que rejeitavam de emblema toda forma de maniqueísmo em sua interpretação da guerra e faziam valer um pacifismo igualmente presente em uma parte dos militantes socialistas.²⁰ Não é menos significativo o fato de que o relatório apresentado por Paul Claudel um pouco depois de sua instalação no Rio como embaixador da França no início de 1917, segundo o qual “a opinião brasileira, em sua quase unanimidade, é favorável aos Aliados ou, mais precisamente, à França”,²¹ evoca justamente uma guerra que foi, em um primeiro momento, pensada na prolongação do século XIX e da *Belle Époque* afrancesada.

AGONIA DA EUROPA E DESILUSÃO DA CIVILIZAÇÃO FRANCESA

No entanto, uma ruptura nesse sistema de representações acontece à medida que a guerra, que se imaginava inicialmente reservada à Europa e de duração breve, impõe-se ao mundo inteiro e se afunda, um pouco mais a cada mês, nas trincheiras. À ideia segundo a qual o conflito representaria o confronto entre civilização francesa e barbárie alemã se sobrepõe progressivamente a certeza de é o próprio destino da Europa que está

20 Sobre mais análises dessas alternativas à francofilia, ver: COMPAGNON, Olivier, *O adeus à Europa*, p. 94-108; bem como SILVA, André Felipe Cândido da. Nas trincheiras do *front* intelectual. Henrique da Rocha Lima e a Primeira Guerra Mundial no *Jornal do Commercio*. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 31, n. 57, p. 635-67, set.-dez. 2015.

21 Paul Claudel a Aristide Briand, 12 de fevereiro de 1917 (Ministère des Affaires Étrangères / Archives Diplomatiques de Nantes, Rio de Janeiro, Ambassade, série A, carton 226).

em jogo, entre as melancólicas planícies da Picardia e o estreito de Dardanelos, ou, em outras palavras, que o Velho Mundo entrou em uma fase de agonia irreversível. Em 1917, o jovem paulista Mário de Andrade, fã de Rimbaud e do simbolismo francês, publica – sob o pseudônimo de Mário Sobral – sua primeira coletânea de poemas, *Há uma gota de sangue em cada poema*, inteiramente dedicada aos horrores da guerra. No meio do caminho entre a ironia e o sentimento de desolação, oferece a descrição mordaz de uma Europa ferida por todos os lados. O poema “Refrão de obus” começa com versos bucólicos e termina brutalmente com a abominação pela morte:

Partir pelo ar, atravessar girando
o ambiente perfumado do verão
Sentir o vento novo e brando;
no ímpeto da carreira,
perfumar-se e abrandar-se a viração! [...]
O' ! Como é bom partir, subindo!
Sob a palpitação da madrugada fria,
á ovação triunfal do dia infante e lindo
ó ! como é bom partir subindo! [...]
Mas na suprema glória de subir,
Sentir
que as forças vão faltar:
e retornar de novo para a Terra;
e servir de instrumento numa guerra;
e rebentar
e assassinar!...²²

Dessa constatação da violência de massa europeia nasce portanto um outro: o da agonia do modelo civilizador, celebrado pelo argentino Domingo Faustino Sarmiento, em 1845, em seu famoso *Facundo*. e ao qual a imensa maioria das elites brasileiras

22 *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917), extraído de ANDRADE, Mário de. *Obra imatura*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. p. 23-24. Convém assinalar que essa coletânea é raramente evocada pela multiplicidade de trabalhos dedicados ao autor de *Macunaima*.

adere. “Aqui foi a civilização”, é com essas palavras desabusadas que Mário de Andrade conclui o poema “Devastação” e parece consagrar o fim de uma era histórica durante a qual a Europa se impusera como o centro do mundo.²³

Seria possível citar centenas de exemplos dessa constatação cujas consequências são evidentemente primordiais na história cultural do Brasil contemporâneo. Arquétipo do intelectual cosmopolita detentor de um amor cego pela França, Alceu Amoroso Lima, que acabava de completar 20 anos quando a guerra começou – exatamente como Mário de Andrade – e que passara uma longa estadia em Paris durante a guerra, fornece em suas memórias uma conclusão amarga do que teria significado o conflito para a sua geração:

Anatole France, de todos, foi a maior influência. Não só uma influência de estilo como também de ideias. Quase posso dizer que ele dominou toda a minha geração, a geração nascida entre 1890 e 1895. [...] A partir desse decênio de 1920 e 1930, produziu-se uma inversão em relação a Anatole France, Machado de Assis e Sílvio Romero. É que eles haviam inoculado em nossos espíritos um ceticismo e um diletantismo que nos levariam a um choque diante da catástrofe da guerra. Fomos todos, sobretudo a partir de 1918, levados a rever a nossas ideias e tudo aquilo que para nós passou a representar a configuração do que hoje chamamos de *Belle Époque*. [...] A Primeira Grande Guerra marcou uma nova *no man's land* em que os mestres do passado se mostravam sob outros aspectos. Achávamos de repente em presença de um mundo diferente, em que os valores anteriores pareciam nada mais nos dizer. Sob o efeito de uma atmosfera completamente nova, influenciados pelas transformações que ocorriam por toda parte, pelo choque das novas ideias, fomos levados a uma atitude radical, agressiva, violenta contra tudo que nos levara no passado, por uma distorção do espírito, a

23 *Ibid.*, p. 31.

ignorar a realidade diante da qual só despertamos pela tragédia da guerra.²⁴

Mas o sentimento segundo o qual a guerra certifica a agonia da Europa não é somente fruto de reconstruções posteriores aos anos 1914-1918. Durante o próprio conflito, o espetáculo de uma violência de massa que parecia não conhecer nenhum limite amplamente divulgado pela imprensa, os sofrimentos impostos às populações civis, o espanto diante das perdas demográficas de algumas grandes batalhas – como as de Somme e de Verdun em 1916 – são alguns dos elementos que alimentam a ideia segundo a qual a Europa perdera também a batalha da razão e da moral. Em seu discurso bastante aliadófilo do dia 14 de julho de 1915, o baiano Pacífico Pereira toma consciência do caráter totalmente inédito de uma guerra que ainda não era qualificada como total:

Esta guerra, que se diz ter sido iniciada em nome da ciência e da cultura, guerra delirante e atroz, é a morte da civilização, da civilização cristã que tem por base a moral, o direito e a justiça.²⁵

No “Boletim semanal da guerra” publicado desde agosto de 1914 nas colunas d’*O Estado de São Paulo*, Júlio Mesquita não esconde, num primeiro momento, seu ódio ao militarismo alemão e seu desejo de ver os Aliados triunfarem. Mas o tom muda à medida que a guerra perdura: independentemente de toda consideração sobre as nações beligerantes, elas passam a ser vistas como “selvageria de gigantescas proporções” em 1915, “um cataclismo universal” ou “um monstro [que] festeja seus três anos – três séculos” em 1917.²⁶

24 LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas...*, p. 45, 49.

25 PEREIRA, Pacífico. *Os malefícios da guerra...*, p. 61.

26 MESQUITA, Júlio. *A Guerra por Júlio Mesquita*. São Paulo: O Estado de São Paulo / Terceiro Nome, 2002, v. 4. p. 132, 203, 688.

Uma evolução parecida pode ser observada em Rui Barbosa, aliadófilo determinado do início ao fim da guerra, mas que insiste, cada vez mais, à medida que a guerra se aprofunda, no significado global que ela contém para além do confronto dos dois campos. No famoso discurso que pronuncia em Buenos Aires em julho de 1916, no qual convida os neutros a apoiar a luta contra os impérios centrais, ele atesta nada menos do que: “a guerra [...] não se contenta em apenas exterminar vidas, ela suprime a perspectiva moral.”²⁷

Em 1916, uma análise comparável é fornecida pelo jurista brasileiro Sá Vianna, membro eminente da LBA – como Rui Barbosa e Pacífico Pereira – e suficientemente afrancesado por ter escrito duas obras sobre a guerra diretamente em língua francesa. Nessa análise, que merece ser citada longamente, ele opõe a seiva que irriga as artérias do Novo Mundo ao tronco ressecado que se tornou a velha Europa:

Por inexperiência ou por vaidade, a América recebia intensamente a influência da Europa armada até os dentes e envolvida em uma atmosfera claramente contrária à vida e ao desenvolvimento de um organismo repleto de seiva como o Novo Mundo. Traímos os nossos antepassados que nos deram pátrias livres e nos ensinaram a amar o Direito, a praticar a justiça e a fazer da paz um culto especial. A Grande Guerra, ao dissipar a ilusão em que vivíamos, deus-nos ensinamentos extremamente úteis; o que resta agora a fazer em nosso continente é retomar o caminho abandonado, através da trilha que conduz à longa estrada, banhada de luz, que leva à prosperidade e à glória.²⁸

Além disso, Monteiro Lobato – que não esperou a guerra para denunciar os estragos do cosmopolitismo no espírito

27 BARBOSA, Rui. *Le devoir des neutres*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1917. p. 52.

28 VIANNA, Manoel Alvarado de Souza Sá. *L'Amérique en face de la conflagration européenne*. Rio de Janeiro: M. A. Vasconcelos Éditeur, 1916. p. 3-4.

nacional, mas sempre se posicionou como um observador atento – lamenta, no início de 1916, que o Brasil seja reduzido a uma “colônia mental da França”, “espécie de Senegal antártico”.²⁹ No fim de 1919, ele ironiza, em um artigo da *Revista do Brasil*, a *Civilisation* francesa e a *Kultur* alemã, já que ambas praticaram as mesmas barbáries durante mais de quatro anos e não poderiam mais ter a intenção de encarnar, nem uma nem outra, o menor ideal de modernidade. Um argumentário que já estava presente em 1917 em um texto de João do Rio, que entretanto fora um dos primeiros a denunciar a Alemanha e seu “imperialismo louco” em 1914, mas que invoca, a partir de então, a falsa linha divisória entre a *Kultur* alemã e a civilização francesa, sustentada por indivíduos ignorantes da realidade das trincheiras para melhor camuflar a barbárie exterminadora dos combates.³⁰

Se é toda a Europa que parece entrar numa “crise de espírito”, para retomar o título do célebre artigo de Paul Valéry publicado em 1919,³¹ a França encontra-se naturalmente no cerne dessa questão em razão da posição central que ocupava na visão de mundo das elites brasileiras até a *Belle Époque*. Mesmo se seu combate parecia justo e legítimo, Paris não estava menos envolvida na carnificina que, no espaço de poucos anos, parecia aniquilar as grandes conquistas da razão, da moral e da ciência dos séculos passados. Ao mesmo tempo em que, já no final do século XIX e início do XX, as críticas ao culto de Paris se multiplicam em autores como, por exemplo, Sílvio Romero,³² a Grande Guerra

surge para marcar uma mudança decisiva no processo de distanciamento intelectual entre as elites brasileiras e a França.

A GRANDE GUERRA COMO SEGUNDA ORFANDADE

Um pouco menos de um século depois da emancipação da Coroa portuguesa e no momento em que a proximidade com o centenário da Independência suscita inúmeras incertezas identitárias, a Primeira Guerra Mundial e as revisões que ela provoca surgem, portanto, de certa maneira, como uma segunda orfandade para as elites brasileiras. A “metrópole de substituição” que representa a França depois de 1822 – retomando as palavras do historiador François-Xavier Guerra³³ – perde uma parte de seu crédito no contexto global do “suicídio da Europa”. “Com as hesitações, as intervenções, as transformações, as revoluções e as subversões dessa guerra, o Atlântico desapareceu”, assinala um jurista e diplomata brasileiro em 1919.³⁴ E, em deferentes níveis, os anos 1920 e 1930 parecem confirmar essa desilusão da Europa. Por um lado, a abundante circulação da literatura decadentista europeia no Brasil – de *Der Untergang des Abendlandes* de Oswald Spengler (1918 e 1922) à *La decadenza dell’Europa* de Francesco Nitti (1922), passando pelo *Le déclin de l’Europe* do geógrafo Albert Demangeon (1920) e *Où va la France? Où va l’Europe?* de Joseph Caillaux (1922) – reforça a ideia de uma Europa que se torna obsoleta e inapta a guiar o mundo em seus esforços de reconstrução ao cabo da Grande Guerra. Por outro lado, as esperanças do Itamaraty e de muitos intelectuais suscitadas no nascimento da Sociedade das

29 *O Povo* (Caçapava), 2 de abril de 1916. Extraído de LOBATO, José Bento Monteiro. *Obras Completas*, v. XV, São Paulo: Brasiliense, 1964. p. 101.

30 Ver: RIO, João do. Portugal na guerra. In: RIO, João do. *No tempo de Wenceslão*. Rio de Janeiro: Villa-Boas & C., 1917. p. 137.

31 Extraído de VALÉRY, Paul. *Variété 1 et 2*. Paris: Gallimard, 1978. p. 15-51.

32 Ver, especialmente: ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1943, v. 3, p. 62 [1888].

33 GUERRA, François-Xavier. La lumière et ses reflets: Paris et la politique latino-américaine. In: KASPI, André, MARÈS, Antoine (Dir.). *Le Paris des étrangers depuis un siècle*. Paris: Imprimerie Nationale, 1989. p. 171-182.

34 ABREU, Antônio Moreira de. *A Liga das nações*, Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1919. p. IX.

Nações, susceptível de garantir ao Brasil um lugar no concerto internacional que ele nunca ocupara antes, foram frustradas quando o país toma consciência, depois de duas campanhas infrutíferas, que jamais obterá um assento de membro permanente do Conselho da Assembleia de Genebra e se retira finalmente da Sociedade das Nações em junho de 1926 depois de ter tomado nota que os grandes vencedores europeus da guerra – Paris e Londres em primeiro lugar – ainda consideravam o Brasil como um país periférico.³⁵

Isto posto, não se pode de forma alguma concluir que Paris, na virada dos anos 1910 e 1920, desapareça do imaginário das elites brasileiras – tanto quanto Lisboa não desapareceu da história brasileira em 1822. Ora, são conhecidos os múltiplos laços que permanecem na sequência e até os nossos dias, da cooperação entre uma parte da geração modernista brasileira e Blaise Cendrars a partir de 1923 – cidadão suíço, engajado na legião estrangeira e mutilado de guerra – aos êxitos da *french theory* (Foucault, Deleuze, Lyotard, Guattari etc.) nas universidades brasileiras na época do retorno à democracia nos anos 1980, passando pela contribuição francesa à fundação da Universidade de São Paulo nos anos 1930 ou pela recepção entusiasmada do existencialismo sartriano nas vésperas da Segunda Guerra Mundial. O eixo Rio-Paris não falece junto com as dez milhões de vítimas da Primeira Guerra Mundial, mas enfrenta, todavia, uma profunda ressemantização.

Durante os anos 1920, a França ainda faz parte da história brasileira e figura, assim, em um lugar de destaque no *Carnaval em Madureira* de Tarsila do Amaral (1924), obra em que a Torre Eiffel é edificada em meio aos morros cariocas, e no *Manifesto antropofágico* de Oswald de Andrade (1928), ao serem citados

35 Sobre esse ponto, ver, especialmente: GARCIA, Eugênio Vargas. *O Brasil e a Liga das Nações (1919-1926)*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

massivamente Villegagnon, Montaigne, Rousseau e a Revolução Francesa. Mas o tempo de uma Cidade-Luz a partir da qual se definiam no Brasil – seja através de uma relação totalmente mimética ou de uma apropriação ativa – as modas, as correntes estéticas ou os movimentos literários dominantes, terminou. Ao contrário, a Grande Guerra – enquanto matriz de um “despertar” nacional, metáfora que se encontra em Alceu Amoroso Lima, João do Rio ou Miguel Calmon du Pin e Almeida³⁶ – cria as condições de uma relação em partes iguais entre a França e o Brasil. Por um lado, uma relação em partes iguais em que a França faz parte de uma constelação de referências no seio da qual ocupa um lugar entre outras. Por outro lado, uma relação em partes iguais em que o Brasil, dotado de expressões estéticas que pretendem ser o reflexo da alma e do sentimento nacional a partir da Semana de Arte Moderna de fevereiro de 1922, posiciona-se desde então como suscetível de poder irrigar Paris com sua criatividade cultural que afirma sua alteridade com relação aos modelos europeus. Preocupado em se emancipar de todos os academicismos que eram frequentemente academicismos franceses, sustentado por artistas cujas trajetórias foram profundamente marcadas pela guerra – o Mário de Andrade de *Há uma gota de sangue em cada poema*, o Villa-Lobos compositor, em 1919, das sinfonias n° 3 e n° 4, respectivamente intituladas *A guerra* e *A vitória*, o Graça Aranha presidente da LBA em 1915, que profere sete anos mais tarde a conferência inaugural da Semana de Arte Moderna em São Paulo etc. –, o modernismo brasileiro foi, nesse sentido, um fruto da Grande Guerra e do que

36 LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas...*, RIO, João do. *Adiante!*, Paris-Lisbonne: Livrarias Aillaud et Bertrand; Porto: Livraria Chardon; Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1919; VIANNA, Manoel Alvarado de Souza Sá. *L'Amérique en face de la conflagration européenne*; ALMEIDA, Miguel Calmon du Pin e. *Tendências nacionais e influências estrangeiras*, Bahia: Impr. Carvalho, 1922.

ela produziu em termos de desconstrução do imaginário veiculado pela França no exterior. Isso é confirmado por Mário de Andrade em 1929, em sua *Pequena história da música*, quando ele evoca, sem contornos, a linha divisória que lhe parece representar a Primeira Guerra Mundial na história cultural do Brasil:

Nem bem a guerra de 1914 terminou, todas as artes tomaram impulso. Houve influência da guerra nisso? Está claro que houve. Os quatro anos de morticínio, pode-se dizer que universal, tiveram o dom de precipitar as coisas.³⁷

Enfim, a ressemantização da relação franco-brasileira consecutiva à Primeira Guerra Mundial parece igualmente decisiva para se compreender a emergência do imperialismo sedutor dos Estados Unidos, o qual Antônio Pedro Tota descreve com maestria com referência aos anos que englobam a Segunda Guerra Mundial.³⁸ Com efeito, jovens universitários como Gilberto Freyre escolhem deliberadamente seguir sua formação intelectual nos Estados Unidos, apesar do costume em vigor até a *Belle Époque* de se frequentar a Sorbonne ou as mais prestigiadas universidades europeias. Também é na Universidade Católica de Washington que Manoel de Oliveira Lima termina seus dias, em 1928, e para a qual decide doar sua biblioteca. Além do fato de os Estados Unidos ocuparem plenamente o espaço econômico e cultural deixado livre durante mais de quatro anos por uma Europa inteiramente voltada para a guerra, New York impõe rapidamente a sua concorrência como capital cultural mundial em face de uma Cidade-Luz obscurecida pela fumaça dos canhões. Os apelos da União Pan-Americana parecem ao menos tão sedutores, nos anos 1930, quanto os do

37 ANDRADE, Mário de. *Pequena história da música*. São Paulo: Livraria Martins, 8ª ed., 1977 [1929], p. 194.

38 TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Instituto Internacional de Cooperação Intelectual criado sob o prisma da Sociedade das Nações.

Numa escala de dois séculos de relações culturais franco-brasileiras, entre a chegada ao Rio da missão artística francesa em 1816 e a metade dos anos 2010, os anos 1914-1918 marcam uma mudança determinante que assinala os primeiros passos da presença cultural do Brasil no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANCHES, Dunshee de. A conflagração europeia e suas causas. Discurso proferido na Câmara dos Deputados ao Congresso Nacional do Brasil em 26 de setembro de 1914. Rio de Janeiro: Almeida Marques & C., 1915.

ABREU, Antônio Moreira de. *A Liga das Nações*. Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1919.

ALBERT, Bill; HENDERSON, Paul. *South America and the First World War: The Impact of the War on Brazil, Argentina, Peru and Chile*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

ALMEIDA, Miguel Calmon du Pin e. *Tendências nacionais e influências estrangeiras*. Bahia: Impr. Carvalho, 1922.

ANDRADE, Mário de. *Obra imatura*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

_____. *Pequena história da música*. São Paulo: Livraria Martins, 8. ed., 1977 [1929].

BARBOSA, Rui. *Le devoir des neutres*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1917.

COMPAGNON, Olivier. “Si loin, si proche...”. La Première Guerre mondiale dans la presse argentine et brésilienne. In: LAMARRE, Jean; DELEUZE, Magali (Dir.). *Lenvers de la médaille: Guerres, témoignages et représentations*. Québec: Presses Universitaires de Laval, 2007, p. 77-91.

COMPAGNON, Olivier. Latin America. In: WINTER, Jay (Ed.). *The Cambridge History of the First World War*. v. I (Global War). Cambridge, Cambridge University Press, 2014, p. 533-555.

_____. *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra* (Argentina e Brasil, 1914-1939). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014.

COZZA, Dino Willy. A participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 157, n. 390, jan.-mar. 1996, p. 97-110.

FRANZINA, Emilio. Italiani del Brasile ed italobrasiliani durante il Primo Conflitto Mondiale (1914-1918). *História. Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 5, n. 1, 2004, p. 225-267.

Gaillard, Gaston. *Amérique latine et Europe occidentale: l'Amérique latine et la guerre*. Paris: Berger-Levrault, 1918.

GARAMBONE, Sydney. *A primeira guerra mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GARCIA, Eugênio Vargas. *O Brasil e a Liga das Nações (1919-1926)*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

GUERRA, François-Xavier. La lumière et ses reflets: Paris et la politique latino-américaine. In: KASPI, André; MARÈS, Antoine (Dir.). *Le Paris des étrangers depuis un siècle*. Paris: Imprimerie Nationale, 1989, p. 171-182.

LAGO, Manoel Corrêa do. *Notícia da guerra mundial (1914-1918, Front Belga)*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1920.

LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas: diálogos com Medeiros Lima*. Petrópolis: Vozes, 1973.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Obras Completas*, v. XV, São Paulo: Brasiliense, 1964.

LUEBKE, Frederick C. *Germans in Brazil: a comparative history of cultural conflict during World War I*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1987.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José de. Le Brésil et la guerre européenne. In: *L'Amérique latine et la guerre européenne*. Paris: Hachette, 1916.

MESQUITA, Júlio. *A guerra por Júlio Mesquita*. São Paulo: O Estado de São Paulo / Editora Terceiro Nome, 4 v., 2002.

MINISTERIO DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado das Relações Exteriores, compreendo o período decorrido de 3 de maio de 1914 a 30 de junho de 1915, Rio, Imprensa Nacional, v. 2, anexo C, 1915.

NEEDLE, Jeffrey. *A Tropical Belle Epoque: Elite Culture and Society in Turn-of-the-Century Rio de Janeiro*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

PEREIRA, Pacífico, Os malefícios da guerra. Conferencia no Polytheama Bahiano em 14 de julho de 1915 em prol da 'Cruz Vermelha dos Aliados'. Bahia: Typ. Bahiana de Cincinnato Melchiades, 1915..

PROCHASSON, Christophe. Les intellectuels. In: Becker, Jean-Jacques, Audoin-Rouzeau, Stéphane (dir.). *Encyclopédie de la Grande Guerre, 1914-1918*. Paris: Bayard, 2004.

RINKE, Stefan. *Latin America and the First World War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

RIO, João do. *Adiante!*, Paris-Lisbonne: Livrarias Aillaud et Bertrand; Porto: Livraria Chardon; Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1919.

_____. Portugal na guerra. In: RIO, João do. *No tempo de Wenceslão*. Rio de Janeiro: Villa-Boas & C., 1917.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1943, v. 3, p. 62 [1888].

SÁ VIANNA, Manoel Alvarado de Souza. *L'Amérique en face de la conflagration européenne*. Rio de Janeiro: M. A. Vasconcelos Éditeur, 1916.

SILVA, André Felipe Cândido da. Nas trincheiras do front intelectual. Henrique da Rocha Lima e a Primeira Guerra Mundial no *Jornal do Commercio*. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 31, n. 57, set.-dez. 2015, p. 635-671.

TAVARES, Aurélio de Lyra. *O Brasil de minha geração*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1976.

TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VALÉRY, Paul. *Variété 1 et 2*. Paris: Gallimard, col. "Idées", 1978.

VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. *O Brasil e a Primeira Guerra Mundial: a diplomacia brasileira e as grandes potências*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1990.

II. A França, mãe das artes